

Festa na Granja

JORNAL DE BRASÍLIA

EDITE FAIAL

- 7 JUL 1993

Em psiquiatria, ou defendemos o asilo contra o cliente, ou tratamos do cliente e somos contra o asilo. (Jurandir Freire Costa)

Há poucos dias, fui à Granja do Riacho Fundo. Ao chegar lá, deparei com um bosque, que pelo porte das árvores e abundância de vegetação, fazia adivinhar um riacho a correr por perto. Disseram-me que havia sido a residência de verão do Presidente da República. Certamente mais um atrativo para os governantes nostálgicos e insatisfeitos com a mudança da capital do País. Mas não fui à Granja como turista interessada em visitar "velhas" construções dos primeiros anos de Brasília. Fui, na verdade, convidada para participar das comemorações dos seis anos de fundação do Instituto de Saúde Mental, do Distrito Federal.

Lembro-me, nitidamente, de ter visitado, há alguns anos, um manicômio em outra cidade do Brasil. Visualizo ainda os pavilhões, um ambiente de aridez e pessoas vagueando sem destino. Não me levaram às enfermarias. Tampouco passei ao lado de cubículos de confinamento. Mesmo assim, apesar de não ter chegado perto do horror, percebia-se o abandono em que os doentes mentais viviam.

Surpreende-me que pouco se fale em violação dos direitos humanos quando se constata que há terapias ultrapassadas, até mesmo condenadas, ainda em uso em instituições psiquiátricas. Escreve uma ex-interna: "Levaram-me para o hospício mais legítimo, onde se chega sem ser consultado, onde quase tudo é possível: ficar nu, gritar, apanhar, virar bicho na jaula, amarrado ao pé da cama, dormindo no chão, levando choque... Somos covardemente abandonados e escondidos dos olhos do mundo. Loucos, nos chamam, louco é o meu nome, a minha identidade. Venham abrir esta grande jaula! Esta morada do inferno, dizendo não a todas essas formas de hospício".

O contraste entre a Granja do Riacho Fundo e a canção desesperada que transcrevemos é de tal grau que sou levada a indagar se a escola que formou os profissionais de saúde mental pode ser a mesma.

Longe de mim a pretensão de fazer qualquer tipo de análise científica. No entanto, não posso abster-me de posicionar-me, como qualquer ser humano sensível

à dor, ao sofrimento, a favor de uma linha de terapia que um número significativo de profissionais de saúde mental, no Brasil e no mundo, vem defendendo.

Refiro-me à extinção dos manicômios. E o Instituto de Saúde Mental de Brasília, a Granja, como é carinhosamente chamado por todos que lá trabalham, levamos a acreditar que é possível criar formas de tratamento mais humanas. Sabemos, também, da existência de Centros de Convivência em São Paulo, no Rio Grande do Sul. E da verdadeira revolução que um notável psiquiatra fez no Hospital Anchieta, em Santos. Em 1971, começou-se, em Trieste, a fechar os manicômios. Hoje, não se pode negar que a experiência deu certo.

Fui convidada para uma festa! Uma festa da qual todos participavam. O secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, não foi somente saudado pela direção da Granja. Lá estavam os pacientes — usuários, parece um termo mais adequado — com seus discursos absolutamente autênticos, suas poesias, sua espontaneidade sem grilhões. E quando todos se deram as mãos e foram dançar de roda ao som de música grega, nada mais harmônico e convincente de que é possível lidar com a diferença.

Não estávamos ali para passar ao longo de corredores, entrar em enfermarias. A Granja é um centro de convivência onde muitas vezes não se distinguem os pacientes — um termo em fase de extinção — do psiquiatra, do psicólogo, do músico que faz um trabalho de sensibilização, da professora de dança, do mestre de capoeira, do assistente social, do ceramista.

Quero crer que os guerrilheiros encontram-se entre nós e não têm por que refugiar-se nas montanhas. Ao desistir de seus consultórios particulares para dedicar-se integralmente ao serviço público, fazem uma verdadeira profissão de fé: optam pelo ser e pelo não ter.

A Granja do Riacho Fundo é um verdadeiro ponto de luz em Brasília. Cabe-nos agradecer a todos que lá estão e pedir-lhes que continuem fiéis a seus princípios, enfim, à utopia de um mundo onde a diversidade não encontra barreiras para a sua livre expressão.

■ Edite Faial é secretária-geral da Comissão Justiça e Paz de Brasília